

“ ‘Eu sei que deanie loomis não existe /mas entre as mais essa mulher caminha / e a sua evolução segue uma linha / que à imaginação pura resiste.’

Começa assim o soneto intitulado ‘Esplendor na relva’, que Ruy Belo inseriu em *Homem de Palavra[s]*. Deanie Loomis (aliás Wilma Deanie Loomis) é o nome da protagonista interpretada pela fabulosa Natalie Wood. O pretexto (em sentido literal) é o filme de Elia Kazan *Splendor in the Grass* (1961), com argumento de William Inge.

Hoje, o filme ganhou ressonâncias míticas, associado aos idos de 60 e aos Maios de tal década. Na altura, não as teve [...] mas para alguns – poucos e certamente não felizes – foi paixão tão devastadora como a que, no filme, os adolescentes Deanie Loomis e Bud Stamper (Warren Beatty) tiveram um pelo outro. Ruy Belo foi desses. Aliás, não certamente por acaso, foi ele o único poeta que conheço a cantar as duas mulheres mais intensas dos *late fifties* e dos *early sixties*: Marilyn Monroe (esse assombroso poema chamado ‘Na Morte de Marilyn’, que vem no *Transporte no Tempo* e em que nos pede para ‘em vez de Marilyn dizer mulher) – e Natalie Wood.

Eu sei que Ruy Belo não cantou Natalie Wood mas Deanie Loomis. Mas também sei que Natalie Wood ‘não existe / mas entre as mais’, etc. e há nesse verso um prodígio de adequação poética. É quando se diz que ‘a sua evolução segue uma linha / que à imaginação pura resiste’. Resiste à ‘imaginação pura’ (no sentido de ‘pura imaginação’) ou resiste, ‘pura’, à imaginação? Ou seja, o adjectivo ‘pura’ refere-se à imaginação ou a Deanie Loomis? Ou – pode ser também – à ‘linha que resiste’? Nestas três perguntas está o cerne de Deanie Loomis, de Natalie Wood e de *Splendor in the Grass*. São mulheres e filme da nossa imaginação? Ou são mulheres e filme que resistem à nossa imaginação? Ou são mulheres e filme que resistem a uma linha evolutiva que só na nossa imaginação existe? Não sei, como provavelmente Ruy Belo não saberia, mas como também ele escreveu (na ‘explicação preliminar’ à 2ª edição do livro): ‘Ninguém, no futuro, nos perdoará não termos sabido *ver*, esse verbo que tão importante era já para os gregos.’ E, em *Splendor in the Grass*, tudo está no *ver*, que traz a história dos meninos e moços de Kansas – meninos e moços dos anos 20, de antes da Depressão – à dimensão das mais belas histórias de amor e de morte jamais contadas.”

João Bénard da Costa, *Os Filmes da Minha Vida, os Meus Filmes da Vida*, 1º Vol. Assírio & Alvim, 1990